

PAINEL DE CONJUNTURA
MACROECONÔMICA

17

46^a edição

PAINEL DE CONJUNTURA
MACROECONÔMICA

NOVEMBRO

Semana 2

17

04

OPINIÃO

Empreendedorismo, educação e o abismo que nos separa do futuro.

08

CÂMBIO

Fluxo Cambial Semanal

05

PIB

Expectativas estáveis para 2017 e 2018, mas sempre com alguns mais animados.

10

MERCADO DE TRABALHO BRASIL

Análise da mão de obra ocupada no Brasil (Jul-Ago-Set/2017).

06

PREÇOS E JUROS

Projeções para o IPCA permanecem inalteradas.

Mercado mantém expectativas para SELIC



Estimativas para Encerramento do Ano - Brasil	2017	2018
PIB (% do crescimento)	0,73	2,50
Produção Industrial (% do crescimento)	2,00	3,00
Inflação - IPCA (%)	3,08	4,02
SELIC	7,00	7,00
Divida Líquida do Setor Público (% do PIB)	52,25	55,90
Taxa de Câmbio - fim do período (R\$/US\$)	3,20	3,30
Balança Comercial (US\$ Bilhões)	65,00	53,00
Investimento Direto no País (US\$ Bilhões)	75,00	80,00

Fonte: Boletim Focus-Bacen



AGENDA DA SEMANA

06/11

Relatório Focus (Bacen)
Balança Comercial (Mdic)
IPC(FIPE) - Outubro-2017- (FIPE)

08/11

IGP(DI) - Outubro-2017- (FGV)
IPC(S) - 1ª quadrissemana - Novembro-2017- (FGV)
Pesquisa Industrial Mensal - Produção Industrial - Setembro-2017- (IBGE)
Fluxo Cambial - Semanal (Bacen)

09/11

Levantamento Sistemático Produção Agrícola - Outubro-2017 - (IBGE)

10/11

IPC(Fipe) - 1ª quadrissemana - Novembro-2017 - (FIPE)
IGP-M - 1ª prévia - Novembro-2017 - (FGV)
IPCA - Outubro-2017 - (IBGE)

Opinião

Empreendedorismo, educação e o abismo que nos separa do futuro

Thiago Ayres*



Quem nunca ouviu que o Brasil é o país do futuro? Esse tal Brasil, desenvolvido, educado, competitivo, empreendedor, que faz uso dos atributos maravilhosos que ganhou e que valoriza sua gente parece mesmo o lugar ideal - ou seja, que só existe no mundo das ideias.

Acabo de chegar de algumas semanas no exterior, a trabalho e lazer, e, apesar de ter morado fora do país e desenvolvido uma carreira global, ainda me pego impactado por algumas coisas.

Uma delas é o nível de empreendedorismo. E aqui não tratarei empreendedorismo com o reducionismo tradicional que lhe é conferido ("abrir empresas"), mas sim como a capacidade (ou seria arte?) de identificar problemas e necessidades, transformá-los em oportunidades, articular recursos e colocar em prática um plano ousado em busca de satisfazê-los, prosperando ao longo do caminho. Desde soluções simples da vida quotidiana, como o Mobike, o Ofo ou o Uber, até necessidades menos óbvias como o McDonald's, o Airbnb, o LinkedIn e o Facebook. Desde a escola primária até o mestrado, todos são provocados a "fazer", deixando a importante lição que o mercado não está nem aí para o que você sabe. O mercado (empregadores, investidores, sócios e até potenciais funcionários) estão interessados no que você CONSEGUE FAZER com aquilo que você sabe. Junte-se a isso um cenário regulatório favorável, que não pune quem empreende e remunera o risco, e temos uma fórmula que funciona.

Outro ponto em que nossas diferenças gritam é a **educação**. Tive a chance de estar em eventos e reuniões dentro e fora de instituições de ensino, que envolviam de executivos de grandes bancos globais a estagiários de non-profits, e a conclusão é a mesma: a educação (bem-feita) nos faz pensar. Conversas que presenciei sobre responsabilidade social, sobre economia, instabilidade bélica e III Guerra Mundial e até sobre política são de uma lucidez impressionante, na medida que são pautadas na capacidade de argumentação, em dados e fatos, respeitando a ciência e o pragmatismo que despe o discurso de emoções e eufemismos desnecessários. Todas essas são características que percebi nessas interações.

Na mesma mesa, entre vinhos e camarões aperitivos, havia um republicano caucasiano que atua como



diretor de uma grande organização privada e um democrata Navy SEAL (elite da marinha), piloto de Black Hawk, de origem latina. Como era de se esperar, posições diferentes no espectro político, mas - mesmo no momento mais tenso e polarizado da política - uma discussão respeitosa e deliciosa, com atenção aos argumentos, longe do extremismo e baseada em lógica e interesses comuns.

O homem é um cadáver adiado, dizia Fernando Pessoa. Já eu, mais inspirado em Nelson Rodrigues, diria que o homem é um cínico progressivo. Ou seja, que a idade e a maturidade, embora nos tragam sabedoria ímpar, nos tornam menos esperançosos e nos roubam os sonhos infantis. O sonho desse Brasil que descrevi acima me parece cada vez mais distante. E tem um motivo: nossa Educação.

A (de) formação promovida pelo sistema de ensino brasileiro é o grande elefante na sala. Todos sabemos que ele está lá, mas ninguém ousa discutir, nem reconhecer. Ouso dizer que todos os nossos problemas econômicos, sociais, mercadológicos e outros, têm sua origem aí. E, numa sádica relação de causa-efeito, continuarão se perpetuando enquanto não atacarmos a causa com coragem e pragmatismo.

Se quisermos que o país do futuro seja o Brasil do presente, só há um rumo. Até quando vamos ignorá-lo?

**Thiago Ayres é aluno egresso do Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE, consultor, professor e palestrante na área de projetos.*

PIB

Expectativas estáveis para 2017 e 2018, mas sempre com alguns mais animados.

*Christian Frederico da Cunha Bundt**

Após a visualização do crescimento da confiança na economia por parte de empresários e consumidores, ainda não em patamar elevado é bem verdade, é hora de buscar a visualização da concretização desse sentimento em números. Espera-se para 01 de dezembro a divulgação do PIB do terceiro trimestre de 2017, pelo IBGE.

Antes que os números oficiais sejam revelados, é possível verificar algumas previsões e indicadores do quem vem por aí.

A Mastercard, conhecida rede de pagamentos, divulgou seu indicador de varejo (SpendingPulse), que apontou alta de 3,2% no comércio varejista do terceiro trimestre de 2017 (excluídos veículos e materiais de construção). Grande destaque de crescimento teve o comércio eletrônico. Entre os tipos de gastos, destaque positivo para as vendas em supermercados, lojas de móveis e eletrodomésticos e farmácias.



Na ponta do governo, Paulo Rabello de Castro, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), em evento no Rio de Janeiro, afirmou que o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro vai crescer até 4% em 2018, mas que entende as previsões mais conservadoras pelo fato de que a economia está saindo 'do fundo do poço'.

A previsão do presidente do BNDES, comparativamente com o que mostra o último Relatório Focus, apresenta-se bastante animada. O Focus de 03/11/2017 aponta crescimento do PIB para 2017 em 0,73% e para 2018 em 2,50%, as mesmas da semana passada.

O que mais chamou a atenção na fala do presidente do BNDES foi a afirmação de que a vocação do banco sempre foi o crédito para as micro, pequenas e médias empresas. E que, 'talvez' em 2018 o BNDES venha a destinar metade dos financiamentos a empresas desses portes. Para quem acompanha o tema, sabe que o crédito às micro, pequenas e médias não é e nunca foi prioridade da instituição presidida por Paulo Rabello de Castro. Em 2016, o BNDES desembolsou um total de R\$88,3 bilhões, dos quais apenas 31% foram utilizados por micro, pequenas e médias empresas, e a situação não é diferente em anos anteriores. Convém frisar que o conhecido efeito multiplicador de 1 real de investimentos em micro e pequenas empresas é bem maior que quando investido nas grandes.

Se o país deseja um PIB maior, não é nas grandes empresas que deve ser concentrado o esforço. As grandes têm alternativas de financiamento, inclusive no exterior. Já as micro e pequenas, têm poucas e caras alternativas. Por que será que não são nelas que o BNDES concentra esforços (de valor)? Será que não haveria estrutura para atender em quantidades maiores? Ou politicamente não interessa? Que influência poderia ter no PIB uma atuação forte do BNDES e outros organismos governamentais se, de fato, direcionarem mais recursos para as micro e pequenas empresas?

**Christian Frederico da Cunha Bundt é Administrador, professor pesquisador II da Universidade Estadual de Ponta Grossa e membro do Conselho Deliberativo da Associação Empresarial e do Observatório Social de São José dos Pinhais.*

Preços e Juros

Projeções para o IPCA permanecem inalteradas.

Patrick Silva*

Na última edição do Relatório Focus, o IPCA permaneceu inalterado em relação à semana anterior. O mercado manteve as expectativas para 2017 em 3,08% e para 2018 em 4,02%. Da mesma maneira, as Top 5 do Focus, entidades que mais se aproximam das projeções, também mantiveram suas projeções com 3,09% para 2017 e de 3,83% para 2018.

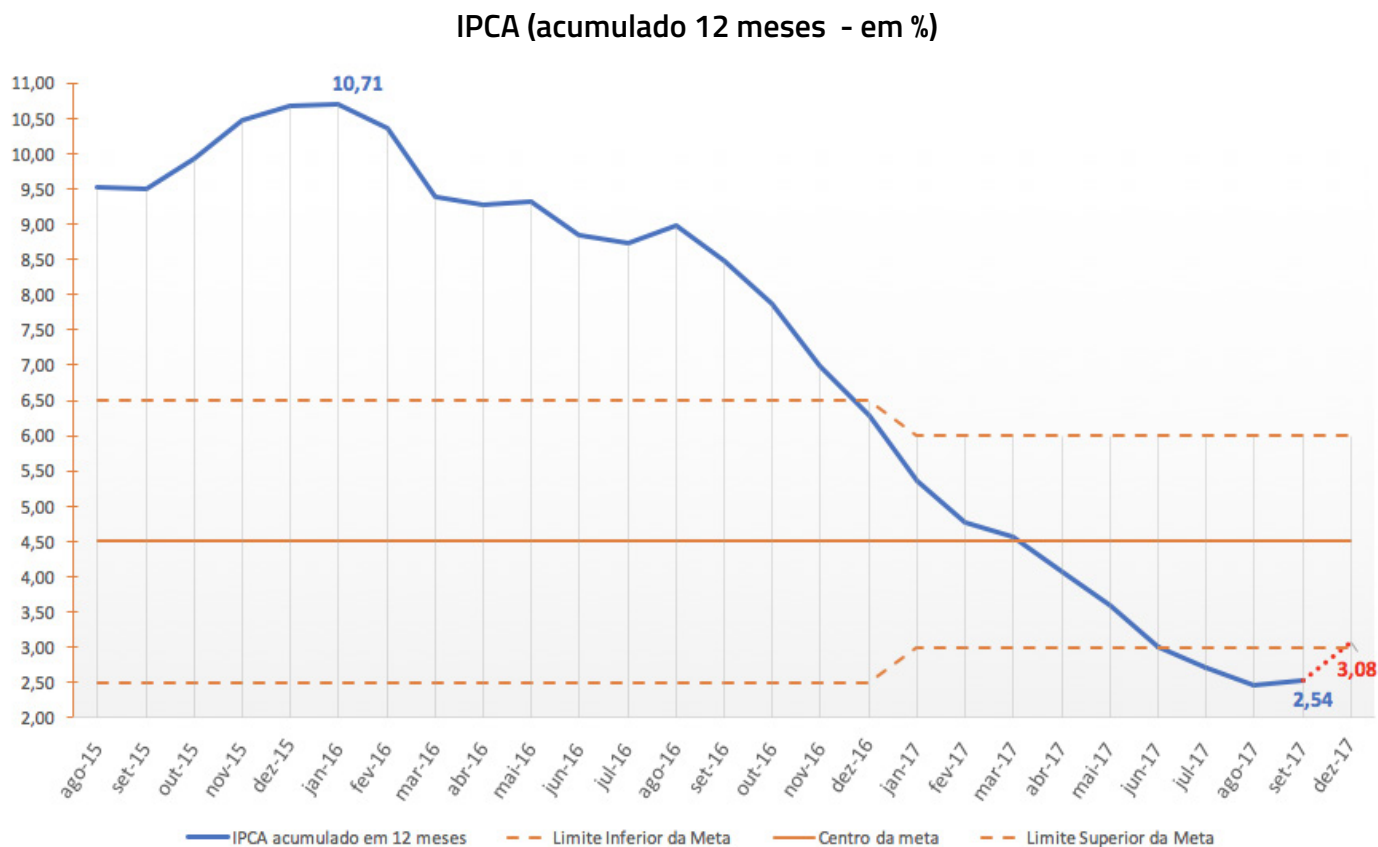
	2017				2018			
	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento Semanal	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento Semanal
Mediana	2,98	3,08	3,08	● (1)	4,02	4,02	4,02	● (4)
Top 5	2,95	3,09	3,09	● (1)	3,75	3,83	3,83	● (3)

Fonte: Banco Central do Brasil; ilustração: ISAE.



O IBGE divulgará a inflação oficial no próximo dia 10 de novembro e a expectativa de mercado está em cerca de 0,48%, o que poderá trazer o acumulado dos atuais 2,54% para cerca de 2,75%. De acordo com o Instituto Brasileiro de Economia, o IBRE, os maiores impactos nos preços para outubro devem estar relacionados aos valores da energia elétrica residencial, tarifas de telefonia, hortaliças e legumes, saúde e cuidados pessoais.

A meta estabelecida pelo Bacen para 2017 é de 4,5%, com teto em 6% e piso em 3%, e o índice tem demonstrado um comportamento controlado, indicando que finaliza o ano dentro da banda inferior da meta.

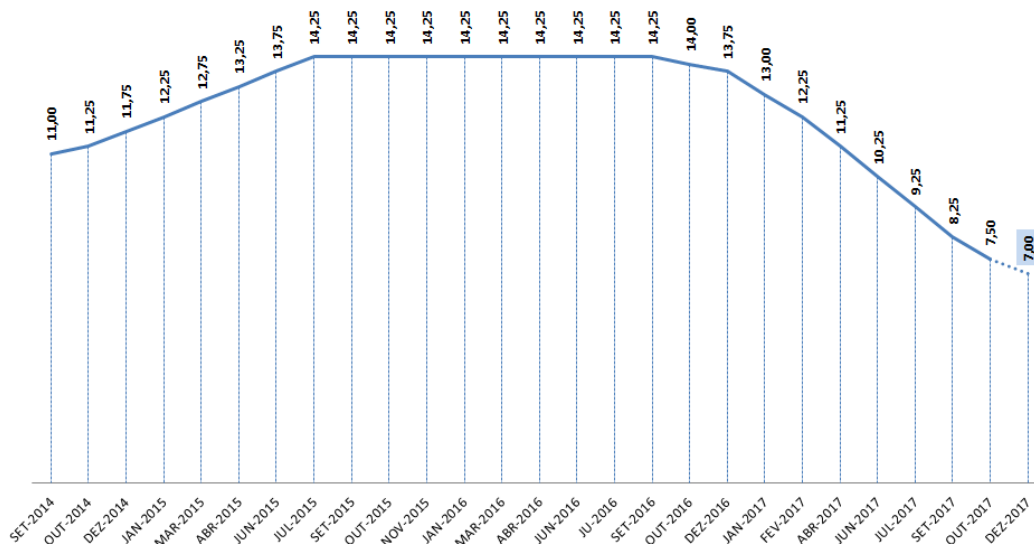


Fonte: Banco Central do Brasil; IBGE; ilustração: ISAE

Mercado mantém expectativas para SELIC

A taxa Selic para 2017, de acordo com as expectativas do mercado, está estimada em 7,00% para dezembro, após o Copom ter reduzido de 8,25% para 7,50% na última reunião ocorrida em outubro. A última reunião do Comitê no ano de 2017 ocorrerá no dia 5 de dezembro, e a expectativa do mercado é que possa ocorrer mais uma redução entre 0,50% e 0,75%, levando a taxa entre 6,75% e 7,00%. O cenário externo é favorável, com os principais países do globo apresentando bom crescimento, no entanto o cenário doméstico ainda é incerto devido a fatores políticos e a lenta recuperação econômica. Tudo indica que esta pode ser a última redução do ciclo de queda da taxa de juros, e que pode ser o menor nível desde outubro de 2012, em que era de 7,25%. Abaixo a evolução Selic (Dez-2014 a Out-2017 – com projeção Dez-2017).





Fonte: Banco Central do Brasil; ilustração: ISAE.

*Patrick Silva é especialista em Controladoria e Finanças, graduado em Ciências Contábeis, com Especialização em Controladoria, com MBA Executivo em Finanças pela FGV/SP, e aluno do Programa CFO Strategic ISAE|BEF

Câmbio

Fluxo cambial semanal.

Márcio Santos*

O movimento de entrada e saída de dólares do País, o fluxo cambial (Movimento de Câmbio), é divulgado semanalmente pelo Banco Central do Brasil (BCB). Os últimos resultados foram divulgados no dia 01/11/2017 e são apresentados abaixo:

Período	Comercial				Importação	Saldo (a)	Financeiro ^{1/}		Saldo (b)	c=a+b
	Exportação						Compras	Vendas		
	Total	ACC	PA	Demais						
2016 Out	13 314	2 008	5 587	5 719	10 726	2 588	41 933	35 729	6 204	8 792
Jan-out	139 525	25 089	39 003	75 434	103 969	35 556	364 476	407 001	-42 525	-6 989
2017 Jan	13 752	1 852	5 259	6 641	11 683	2 089	41 018	39 423	1 595	3 664
Fev	12 757	2 288	4 259	6 210	9 193	3 564	33 095	41 231	-8 136	-4 571
Mar	20 402	2 984	5 129	12 288	11 854	8 548	58 824	64 495	-5 671	2 877
Abr	16 854	2 471	4 102	10 081	9 898	6 755	36 076	33 765	2 311	9 086
Mai	18 033	2 723	3 666	11 644	12 068	5 965	42 940	48 162	-5 222	744
Jun	16 338	2 450	4 352	9 535	11 710	4 627	30 087	39 015	-8 928	-4 301
Jul	15 235	2 491	4 519	8 225	12 175	3 080	32 007	37 714	-5 707	-2 647
Ago	16 576	2 010	4 194	10 372	12 081	4 495	34 217	39 409	-5 193	-698
Set	15 140	2 333	3 300	9 506	12 530	2 609	42 196	42 260	-64	2 545
Out	14 281	2 114	3 623	8 545	11 415	2 866	37 519	36 894	625	3 491
2	691	75	228	388	524	167	1 515	1 850	-335	-168
3	311	63	61	167	649	-339	1 401	1 239	162	-177
4	530	131	95	303	702	-172	2 478	1 568	911	739
5	792	85	275	432	586	206	1 736	1 897	-161	44
6	685	98	164	423	467	218	1 690	1 366	324	542
9	652	107	133	413	259	393	773	830	-57	336
10	630	63	223	345	643	-13	2 966	2 277	679	667
11	689	102	242	345	1 116	-427	1 411	1 780	-369	-796
13	266	29	99	158	308	-22	4 591	4 495	96	74
16	1 002	59	202	741	463	539	1 415	1 643	-228	311
17	894	74	456	364	525	369	1 497	1 680	-184	185
18	636	106	97	433	732	-96	1 986	1 881	104	8
19	770	140	188	442	559	211	1 069	1 611	-542	-331
20	1 107	200	328	579	636	472	1 419	1 245	174	646
23	1 042	230	254	557	582	460	1 711	1 631	81	541
24	930	152	118	660	598	332	2 532	2 509	23	354
25	763	107	86	571	704	59	4 204	4 199	5	63
26	923	84	176	663	771	152	1 336	1 625	-289	-136
27	946	207	198	541	589	368	1 801	1 569	231	589
Jan-out	159 166	23 716	42 402	93 047	114 607	44 559	387 980	422 369	-34 389	10 170

Fonte: BCB. 1/ Exclui operações interbancárias e operações externas do Banco Central.

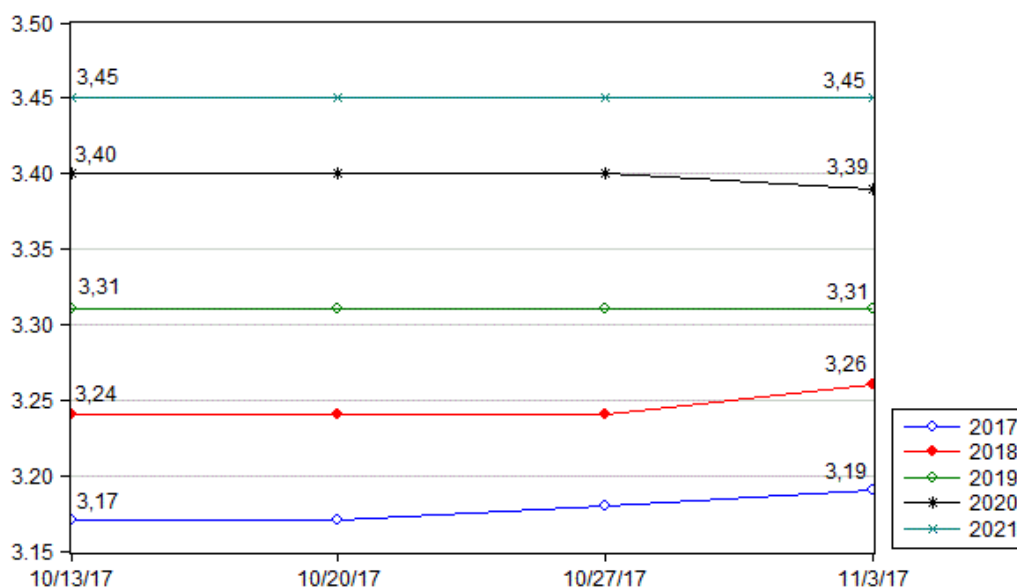


O fluxo cambial apresentou superávit de US\$ 3,491 bilhões no mês de outubro (até o dia 27), resultado do saldo positivo da conta comercial de US\$ 2,866 bilhões e do saldo positivo da conta financeira de US\$ 625 milhões. O câmbio contratado para exportações foi de US\$ 14,281 bilhões e de importações US\$ 11,415 bilhões.

A conta financeira foi positiva em US\$ 625 milhões, resultado de compras de US\$ 37,519 bilhões e vendas de US\$ 36,894 bilhões. Dessa forma, o fluxo cambial de janeiro a outubro (até o dia 27) acumula superávit de US\$ 10,170 bilhões, contribuindo para esse resultado a conta comercial. No período de janeiro a outubro de 2016, o fluxo cambial acumulou um déficit de US\$ (6,969) bilhões e no mês de outubro de 2016 o saldo foi positivo em US\$ 8,792 bilhões (e não os valores de US\$ -13,230 bilhões e US\$ 2,531 bilhões, respectivamente, como informado no painel macroeconômico da semana anterior. Os dados constam na tabela acima).

Na semana (23 a 27/11/2017), o saldo da conta comercial foi positivo em US\$ 1,361 bilhão e a conta financeira em US\$ 51 milhões, resultando em fluxo cambial semanal de US\$ 1,412 bilhões.

Toda segunda-feira o BCB divulga relatório de expectativas de mercado. No gráfico abaixo, são apresentadas as expectativas de mercado da taxa de câmbio nas últimas quatro semanas para o período de 2017 a 2021 (13/10/2017, 20/10/2017, 27/10/2017 e 03/11/2017).



Fonte: BCB

Do lado externo, as notícias da semana foram favoráveis. Primeiro, em vista das condições esperadas do mercado de trabalho e da inflação dos EUA, o Comitê de Política Monetária (FOMC), em seu relatório divulgado em 01/11/2017, decidiu manter a faixa alvo para a taxa de fundos federais entre 1 a 1,25 por cento (taxa de juros americana). Conforme o Comitê, a postura da política monetária continua a ser acomodatória, apoiando assim um maior fortalecimento nas condições do mercado de trabalho e um retorno sustentado a 2% da inflação na economia americana.

Segunda-feira, o presidente americano, Donald Trump, escolheu o novo presidente do Banco Central do país, o Federal Reserve (FED). O escolhido foi o atual diretor do FED, Jerome Powell, que ainda precisa da aprovação do Congresso americano. Se aprovado, o escolhido substitui Janet Yellen a partir de 03/02/2018



e é esperado que ele mantenha as políticas de sua antecessora. Os mercados estavam na expectativa dessas informações, e quando divulgadas, agradaram, inclusive o mercado brasileiro.

**Márcio Santos. Economista, Mestre em Economia pela UNESP. Economista responsável pela Adeata Consultoria – Análise Econômica.*

Mercado de Trabalho no Brasil

Análise da mão de obra ocupada no Brasil (Jul-Ago-Set/2017)

Jefferson Marcondes*

De acordo com os dados da Pnad/Mensal no período de (Jul-Ago-Set/2017), o total de pessoas aptas a trabalhar, que são pessoas com 14 anos ou mais que compõe a força de trabalho nacional, houve um acréscimo de 2,401 milhões desse contingente quando comparado ao mesmo período em 2016, conforme descrito na tabela a seguir:

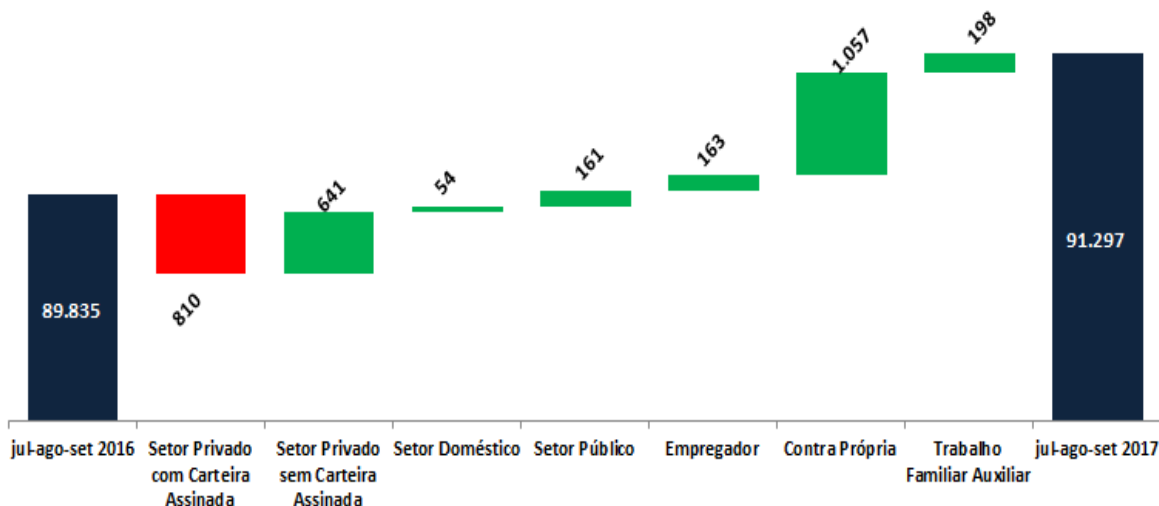
Composição de Pessoas Aptas a trabalhar (Milhares)	jul-ago-set 2016	jul-ago-set 2017	Δ
Pessoas aptas a trabalhar	101.857	104.258	2.401
Pessoas aptas a trabalhar - empregadas	89.835	91.297	1.462
Pessoas aptas a trabalhar - desempregadas	12.022	12.961	939
Pessoas aptas a trabalhar - fora da força de Trabalho	64.642	64.464	- 178

Fonte: Pnad/IBGE

Quando se analisam as pessoas aptas a trabalhar, mas que estão desempregadas, verifica-se que ocorreu aumento de 939 mil pessoas em relação ao mesmo período em 2016. Esse aumento, em parte, é justificado pelo movimento no item "Pessoas aptas a trabalhar mas que estão fora da força de trabalho", em que houve uma redução de 178 mil pessoas que voltaram a procurar ocupação, e também pelo aumento de pessoas aptas a trabalhar, com aumento de 2,36%. Ao se analisar o item de "Pessoas aptas a trabalhar que estão empregadas", constata-se aumento de 1,63%, representando um crescimento de 1,462 milhão de pessoas que estão ocupadas quando comparado ao mesmo período em 2016.

No próximo gráfico, é demonstrada a migração do trabalhador entre os setores, de trabalho no período de (Jul-Ago-Set/2016) e o (Jul-Ago-Set/2017):





Fonte: Pnad/IBGE

O setor privado com carteira assinada teve a maior variação negativa, com cerca de 810 mil trabalhadores que perderam seu trabalho formal na comparação de (Jul-Ago-Set/2017) em relação à (Jul-Ago-Set/2016), no entanto, no setor privado sem carteira assinada houve um aumento de 641 mil trabalhadores admitidos. No setor doméstico houve um aumento de 54 mil trabalhadores nesse período. Já no setor público ocorreu apenas o acréscimo de 161 mil trabalhadores, o que reflete a estabilidade de empregabilidade do serviço público garantida por lei. Quanto ao setor empregador (dono do próprio negócio), observou-se um crescimento de 163 mil, quanto ao setor de pessoas que optaram em trabalhar por conta própria teve uma redução de 1,057 milhão de pessoas, quanto ao setor Trabalho familiar auxiliar, quando o indivíduo complementa a renda familiar com uma atividade remunerada intermitente (muito conhecido como “bico”), aumentou em 198 mil pessoas.

Essa variação constata a degradação do mercado de trabalho brasileiro no período acima analisado, ocasionado pela crise econômica brasileira, onde se pode verificar que, apesar do número de pessoas empregadas ter aumentado para 91,297 milhões, houve um movimento de migração principalmente dos trabalhadores com carteira assinada, os quais buscaram, como alternativa, empreender em atividades próprias como empregador, trabalhando de maneira informal, ou buscando a estabilidade do setor público.

* **Jefferson Marcondes Ferreira** é economista, especialista em Controladoria pela Universidade Positivo e atua como profissional de finanças há 13 anos. Atualmente, trabalha numa empresa de meio ambiente ligada a reaproveitamento de materiais para matriz energética.



PAINEL DE CONJUNTURA MACROECONÔMICA

17

Atento ao quadro de instabilidade econômica e com o intuito de auxiliar nas tomadas de decisões do mercado, o ISAE reuniu profissionais das áreas financeira e econômica e criou o Comitê Macroeconômico, com o objetivo de agregar valor à sociedade por meio de pesquisas, análises e interpretações de dados macroeconômicos.

O Comitê Macroeconômico é coordenado por Rodrigo Casagrande, professor do Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE, e Fabio Alves da Silva, executivo de finanças da Renault. É composto por profissionais que possuem competências complementares, provenientes de diferentes instituições, como ISAE, Banco Central do Brasil, Renault e SEBRAE.

O comitê também conta com a participação de alunos do CFO ISAE, programa desenvolvido com o objetivo de capacitar o profissional de finanças em conceitos e temas técnicos específicos da teoria financeira que ajudam na condução estratégica dos negócios, trazendo a visão de pessoas que impulsionam as ações e potencializam resultados, além de alunos do Programa de Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE.

EQUIPE TÉCNICA

Christian Geronasso

Christian Bundt

Jefferson Marcondes

Márcio Santos

Patrick Silva

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Fábio Alves da Silva

COORDENAÇÃO GERAL

Rodrigo Casagrande